



## A entrevista clínica

(na orientação lacaniana)

Marcus André Vieira

### 1.

A entrevista clínica vem ao mundo no momento em que nasce a clínica médica.

Essa clínica se define como a autonomia do olhar que vasculha um corpo objetivado para dele extrair signos específicos de patologia (cf. Foucault, *O Nascimento da clínica*, mesmo se seus termos são outros, o “cadáver”, por exemplo).

Estes signos são previamente definidos, os eventos corporais vão sendo mapeados, selecionados aqueles que mais se adaptem à ideia de uma rede, uma grade de leitura da realidade que toma o mundo como necessariamente regido por leis universais (cf. Koyré, *Do mundo fechado ao universo infinito*).

A psicopatologia clássica encarnou este dispositivo *rede + olhar* no plano da psiquiatria. É uma linguagem que visa estabilizar os fenômenos do vivo como os de um homem-máquina (cf. Lamettrie e Discurso do Método).

Foi o que orientou a definição do dispositivo: “Anamnese e Exame psíquico”, a extração de um saber pela postulação de um funcionamento “normal” silencioso (cf. Bichat).

Esse funcionamento seria avaliado departamento por departamento das funções desse racional suposto: Consciência, atenção, orientação, percepção, pensamento, afeto, planos.

### 2.

A virada do DSM foi a importação de um novo “Laboratório” (cf. Canguilhem), da sociologia, como protocolo de estabilização da experiência para aferição.

Se antes era o homem-máquina, a anamnese e a nosologia, agora será o código de transtornos, sua tábua de critérios.

Esvazia-se a validade em prol da confiabilidade.

Produz-se a Psicometria (escalas Questionário – binários)

O objeto não é mais o corpo cadaverizado, mas a população estatística.

Muitos “Instrumentos” são produzidos, escalas e questionários, para o clínico restaria a “arte” de aplicá-los. Na prática, ele tende a se tornar uma extensão dos testes, seu aplicador.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-60832005000400007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832005000400007)

### 3.

O efeito é o de um racha que acompanharia a velha dicotomia das ciências do espírito ou da matéria, humanas e exatas.

Nesse sentido, à entrevista médico-científica reduzida ao laboratório dos questionários e imagens cerebrais, vem se contrapor a entrevista psicológica (às vezes dita “psicanalítica”).

---

♦ Notas para a apresentação no II Encontro Aberto do Núcleo de Psicanálise e Saúde Mental do ICP-RJ, no IPUB, UFRJ em 17/11/17.

Humana = empática, diz-se também “escutar o sujeito”.

Mas essa não é a psicanálise.

Freud sempre definiu a psicanálise como ciência, no sentido de um rigor que descarta a compreensão empática como ferramenta principal.

No plano da distinção de Jaspers, entre “compreender” (empatia) e “explicar” (descrever processos causais) Freud decididamente “explica”.

Basta ver sua definição canônica: a psicanálise é uma “notável combinação” de investigação e terapêutica “simultaneamente”.

Ou ainda sua metáfora para a associação livre, a do psicanalista como cego (zero “supervisão”), ou a recomendação de tudo esquecer a cada paciente.

#### 4.

Lacan retoma essas indicações da seguinte maneira:

O saber *é* a terapêutica, mas não qualquer um, apenas o saber-verdade, uma experiência de verdade, em que o conteúdo é até um pouco secundário (O ics é hiancia e texto, S11).

O saber do singular não corresponde a Um saber, mas a uma montagem (como na interpretação freudiana do sonho = a reconstituição dos elementos oníricos em um “Pensamento latente”)

Isso supõe que não há um saber verdade, mas uma colagem que abriga a verdade, ou a singularidade. Exatamente como o sonho é tomado por Freud.

Então não há “o” sentido do sintoma, mas “a singularidade se apresenta no nó do sintoma”.

A escuta analítica supõe suspender da compreensão tomando-se a fala analisante como um texto, e uma texto aberto (colagem).

Dadas essas premissas podemos propor, com toda ironia, por favor, uma:

#### **Pequena cartilha da entrevista lacaniana**

- Não compreender (situar-se fora do plano imaginário, não ouvir a partir de analogias, a partir de suas próprias experiências)

- Amar a contingência, a surpresa. “Compreender” é ganhar em similaridade e perder em alteridade. Essa é a surpresa radical (porque a surpresa da compreensão é fraca).

- Ouvir como um texto (o que “está ali” e não o que “isso significa”). Essa é a atenção flutuante no sentido de Lacan.

- Se interessar menos pela coesão e coerência do texto e mais pelos elementos díspares. O texto analisante, assim como um sonho, é uma colagem e a singularidade mora nos detalhes.

- Adiar o diagnóstico ou compreensão ao menos até que a surpresa do encontro com um desses elementos venha.

- Contar com essas “falas de sujeito” ou os elementos de singularidade (formações do ics, os divinos detalhes da fala analisante). Não porque elas dizem o sentido profundo do falante, mas porque elas reconfiguram seu texto consciente

- Seguir os efeitos de corte e resignificação das formações do inconsciente, endossar a pontuação nova que elas introduzem.

- Avaliar a nova composição, ou o saber ganho nas possibilidades de composição e seu valor de estabilização e coesão. Considerar o papel, no médio prazo dos elementos de recomposição mais estáveis.

O que se propõe vale tanto para uma única entrevista quanto para a sequência do tratamento.

Isso tudo vale na psicose? Mais ainda! Valeria a pena retomar o caso Schreber à luz dessas ideias para ver que efeitos de certeza ganharíamos.

Assim como o tema da apresentação de pacientes.

Abaixo duas referências do Curso de Orientação Lacaniana de J. A. Miller que dizem respeito diretamente ao tema tratado.

#### LE BANQUET DES ANALYSTES

JACQUES-ALAIN MILLER

COURS DU 15 NOVEMBRE 1989

Il est certain que l'analyste, même lacanien, ne se fait pas faute, dans la pratique, de relever les divers manquements de l'analysant quant à son rapport à la réalité. Même si nous n'en sommes plus au temps où Lacan signale, page 590 des *Ecrits*, que l'analyse didactique était supposée garantir le maintien du rapport à la réalité "à un taux suffisant chez les analystes", il reste que n'est pas du tout réglé chez nous ce qu'on pourrait appeler l'intervention du sens de la réalité dans l'analyse. C'est une chose de dire que l'analyste n'est pas le gardien du principe de réalité – et c'est ce que nous disons avec Lacan – mais c'est un fait que la pratique d'orientation lacanienne exige, si je puis dire, un *holding* assez étendu. C'est ce qui est le corrélat de la séance à temps variable, voire de la séance courte. Par là-même, ce qui reste plutôt hors statut dans les élucubrations théoriques, ce sont les modalités de la référence au sens de la réalité, qui est, il faut le dire, constamment mis en cause dans la pratique elle-même. Il s'agit par exemple de savoir quelle place vous faites aux exigences de la carrière de votre analysant dans tel ou tel domaine, et qui peuvent l'amener à voyager, à partir, à rester, à changer, tout comme, à l'occasion, l'analyste lui en donne la stimulation. Il y a là, à tout moment, pour l'analyste, la question posée de son jugement le plus intime, comme dit Lacan, c'est-à-dire de son sens de la réalité.

Ca fait problème précisément pour l'orientation lacanienne, dans la mesure où nous, nous partons de ce que le sens de la réalité va au rebours du désir. Les émergences du désir, ses réalisations, se traduisent toujours par un ratage, au moins en un premier temps. Un ratage dont il reste à faire un succès. C'est le succès du ratage qui est peut-être le seul succès qu'il y est. Prendre le parti du désir, c'est prendre son parti des ratages qui vont avec.

Le sens de la réalité, lui, il procède du surmoi. Alors que Freud fait du surmoi la source de la réalité, Lacan le dément, mais tout en concédant que c'est le surmoi qui trace les voies de la réalité. Il en trace les voies – et même par sa voix – dans la mesure où c'est ce qui permet d'écrire que le signifiant se substitue au besoin. C'est là qu'on vérifie que l'homme n'a pas seulement besoin de pain – pour reprendre le titre d'un recueil d'articles de quelqu'un des années 56, quelqu'un qui s'appelait Naji, et qui s'est trouvé réhabilité en grand pompes, il y a peu, dans le grand bouleversement auquel nous assistons, le grand bouleversement des révolutions.

Qu'est-ce qui trace la voie de la réalité pour un sujet, et précisément pour un sujet pour qui elle est foncièrement fragile ? Ce sont les commandements du surmoi, et précisément en tant que tyranniques.

Comment définir le psychanalyste ? J'imagine un lexicographe qui le tente-rait. Ca m'a d'ailleurs conduit à vérifier comment *psychanalyste* était défini dans le Robert – je ne m'en étais jamais soucié. Eh bien, c'est pas si mal. *Psychanalyste* est défini comme *spécialiste de la psychanalyse*. Ca fait rire, mais c'est pourtant une définition qui ne manque pas de justesse. En effet, on pourrait être tenté de définir le psychanalyste d'après le sens commun des psychanalystes, c'est-à-dire d'après ce que, en fait, ils font, à savoir qu'ils font les psychanalystes. Le psychanalyste serait un praticien de la psychanalyse. Eh bien, je pense que les psychanalystes sont moins avancés que le Robert, et je propose que cette réponse doit être elle-même questionnée, qu'elle doit être mise en doute, et même contestée. Il me semble même qu'elle doit être révoquée purement et simplement, il me semble que l'orientation lacanienne comporte de révoquer cette définition du psychanalyste.

Cela ne veut pas dire que l'on puisse proposer, de façon alternative, la définition selon laquelle le psychanalyste serait quelqu'un qui n'est pas praticien de la psychanalyse. Je ne crois

pas le moins du monde qu'il faille aller jusque-là. Mais ce que je pense, c'est que l'orientation de Lacan nous invite à révoquer que la qualité de psychanalyste se définisse par celle de praticien. Faisons encore attention au fait que cela ne veut pas dire que la qualité de psychanalyste se définisse par celle de théoricien de la psychanalyse. Je révoque aussi bien une définition qui serait que le psychanalyste est un théoricien de la psychanalyse, ceci bien que dans l'ordinaire des groupes analytiques, tels que je les fréquente depuis vingt-cinq ans maintenant, il est clair que la qualité de théoricien fait souvent douter le psychanalyste praticien qu'il ait affaire vraiment à un collègue.

Voyons comment Lacan, dans ses "Variantes de la cure-type", définit une psychanalyse – non pas la psychanalyse mais une psychanalyse, c'est-à-dire une cure psychanalytique. Il la définit ainsi: "*Une psychanalyse est la cure qu'on attend d'un psychanalyste.*" C'est définir une psychanalyse par le psy-CHANALYSTE. C'est faire reposer l'authenticité de la cure psychanalytique sur le psychanalyste, et c'est dire l'enjeu qui s'attache à la définition du psychanalyste dans la psychanalyse. La psychanalyse est une discipline où il est question de la définition du psychanalyste et où cette définition est mise en question, avec les effets de paradoxe et d'abîme qui s'ensuivent et qui peuvent à l'occasion faire penser à un cercle vicieux dans les définitions. On peut dire que la psychanalyse s'entretient d'une discussion sur sa propre définition, en tant qu'elle dépend de la définition du psychanalyste.

Définir le psychanalyste comme praticien de la psychanalyse pourrait sembler aller de soi. Mais cette simplicité apparente comporte beaucoup de conséquences. Ça comporte en particulier qu'on ne pourrait reconnaître le psychanalyste qu'après coup, c'est-à-dire en constatant le psychanalyste, en constatant qu'il fait des psychanalyses, et surtout en constatant - il faut le dire - qu'il fait des psychanalystes grâce à ses psychanalyses. Cette façon de définir la psychanalyse, qui est la coutume, et une coutume qui a l'air d'être portée à la norme, ne permet d'attribuer au psychanalyste qu'une existence de fait. Elle définit le psychanalyste comme un psychanalyste *de facto*, en tant que praticien *de facto* de la psychanalyse. C'est ce que Lacan souligne quand il concède un *il y a*, quand il dit: "*Il y en a, maintenant c'est fait, mais c'est de ce qu'ils fonctionnent.*"

Ouvrons les yeux et considérons donc ce *il y en a*. Peut-on dire qu'il y a des psychanalystes? On peut seulement dire qu'il y en a qui s'autorisent à se dire psychanalystes. C'est ça qui maintenant est accompli depuis Freud. Freud a inspiré à un certain nombre de personnes – et ça fait presque un siècle que ça dure – de se dire psychanalystes, et, à l'appui de ce dire, de faire valoir qu'ils fonctionnent en tant que tels. Mais nous avons l'exigence épistémologique de Lacan, exigence qui va au-delà, puisqu'il ajoute que cette fonction ne rend que probable l'existence de l'analyste. Cette probabilité, elle tient au caractère *de facto* de la reconnaissance de l'analyste. L'analyste, pour le faire exister en tant que tel, il y faudrait une définition de droit, c'est-à-dire antérieure à cette vérification d'une pratique effective, vérification qui n'est jamais qu'après coup.